

VIII JORNADA DE TEOLOGIA PRÁTICA  
**10 de novembro de 2017**

## Deus habita a cidade: novos endereços

*A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida [...]. Esta presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada (EC 71)*

---

16.45 – «...e levantou os humildes»: memória crítica e cidadania

Luísa Almendra (FT-UCP)

Alfredo Teixeira FT-UCP)

Teresa Bartolomei (CITER-UCP)

Moderador: João Lourenço (FT-UCP)

---

*«...e levantou os humildes»: «eles reviraram o mundo... »*

O título deste painel desafia-nos a revisitar o texto de Lc 1,46-55, vulgarmente conhecido pela sua primeira palavra ‘Magnificat’. A expressão “... e levantou os humildes” emerge numa segunda parte do texto, que na sua composição parece constituir uma **espécie de díptico** onde se inscrevem duas assonâncias do louvor em que este hino se perspetiva: **o louvor pelo agir de Deus em Maria (vs. 46-50) e o louvor pelo agir de Deus em todos aqueles que o temem (vs. 51-55)**. Considere-se ou não esta divisão bipartida, é um facto que este hino se concentra no agir de Deus em favor do ser humano, na sua existência concreta. **No centro, distingue-se a afirmação ‘Santo é o seu nome’, permitindo entrever que é o agir muito próprio de Deus que substantifica e plenifica a sua própria santidade.**

(leitura do texto)

Vamos iniciar por situar alguns aspetos relevantes das *duas assonâncias do louvor*, nomeadamente os seus reflexos nas palavras do texto. Num segundo momento, sugerimos alguns traços de uma releitura do hino como uma construção *entre a certeza do Deus em que se acredita e o Deus que é constante surpresa e procura*, reconhecendo como é que este Deus poderoso, santo e misericordioso foi desde sempre um Deus dos humildes e dos pobres. Num último momento, propomos um encontro com os arrebatamentos da *dimensão socio-religiosa do louvor da comunidade cristã*, reconhecendo

nas palavras do hino o universo de fé lucano tal como é afirmado em At 17,6 (... estes que *andam revirando o mundo (de pernas para o ar) agora estão também aqui...*).

### *As duas assonâncias do louvor*

<sup>46</sup> **Maria, então, disse:**

<sup>47</sup> “Minha alma dedica um louvor (*magnificat*) ao Senhor

<sup>47</sup> e o meu espírito magnifica

o Deus que me Salva.

<sup>48</sup> Ele demorou os olhos nesta (**na humildade**) que lhe pertence (**sua serva**).

*Vejam como as gerações todas desde agora por bem-aventurada me tratam.*

<sup>49</sup> Fez em mim grandeza **o Poderoso,**

**aquele cujo o nome é Santo,**

<sup>50</sup> *A sua misericórdia estende-se por gerações e gerações, sobre quantos diante dele estremecem.*

<sup>51</sup> *O seu braço vigoroso, confundiu os soberbos na trama dos seus corações.*

<sup>52</sup> *depôs **os poderosos** dos seus tronos e levantou **os humildes**.*

<sup>53</sup> *Cobriu de bens os que tinham fome e despediu sem nada os enriquecidos.*

<sup>54</sup> *Socorreu Israel, **seu servo**, porque se recorda da misericórdia*

<sup>55</sup> *A nossos pais prometida, em favor de Abraão e da sua descendência para sempre!”*

<sup>46</sup> **καὶ εἶπε Μαριάμ,**

**Μεγαλύνει** ἡ ψυχὴ μου τὸν Κύριον,

<sup>47</sup> καὶ ἠγαλλίασε τὸ πνεῦμά μου

ἐπὶ τῷ Θεῷ τῷ σωτήρῳ μου.

<sup>48</sup> ὅτι ἐπέβλεψεν ἐπὶ **τὴν ταπείνωσιν** τῆς δουλῆς αὐτοῦ, ἰδοὺ γάρ, ἀπὸ τοῦ νῦν μακαριοῦσί με πᾶσαι αἱ γενεαί.

<sup>49</sup> ὅτι ἐποίησέ μοι μεγαλεῖα **ὁ δυνατός,**

καὶ ἅγιον τὸ ὄνομα αὐτοῦ.

<sup>50</sup> καὶ τὸ ἔλεος αὐτοῦ εἰς γενεὰς γενεῶν τοῖς φοβουμένοις αὐτόν.

<sup>51</sup> ἐποίησε κράτος ἐν βραχίονι αὐτοῦ· διεσκόρπισεν ὑπερηφάνους διανοίᾳ καρδίας αὐτῶν.

<sup>52</sup> καθεῖλε **δυνάστας** ἀπὸ θρόνων,

**καὶ ὕψωσε ταπεινούς.**

<sup>53</sup> πεινῶντας ἐνέπλησεν ἀγαθῶν,

καὶ πλουτοῦντας ἐξάπέστειλε κενούς.

<sup>54</sup> ἀντελάβετο Ἰσραὴλ παιδὸς αὐτοῦ,

μνησθῆναι ἐλέους

<sup>55</sup> καθὼς ἐλάλησε πρὸς τοὺς πατέρας ἡμῶν)

τῷ Ἀβραάμ καὶ τῷ σπέρματι αὐτοῦ εἰς τὸν αἰῶνα.

Embora não seja muito evidente, a verdade é que este hino irrompe, inesperadamente, na sequência da narrativa lucana. Fá-lo sem qualquer pretensão de nos informar ou de acrescentar mais nada ao que, até ao momento, fora anunciado e dito. No entanto, este hino não se situa neste momento da narrativa por simples acaso. No contexto de um anúncio (Lc 1,26-38) e de um diálogo (Lc 1,39-45), o autor bíblico abre um espaço narrativo inédito e irrepetível em toda a narrativa bíblica do NT: Maria, a mulher simples de Nazaré, toma a palavra e fala exclusivamente de um Deus que ela experimenta na sua vida e que revê na história do seu povo.

Maria começa com uma exclamação de *magnificat* ao Senhor (τὸν Κύριον – Yhwh), que define como Deus (τῷ Θεῷ) e salvador (τῷ σωτήρῳ). Fá-lo em nome próprio, num ‘eu’ que ecoa na insistência na primeira pessoa do singular dos verbos e dos pronomes possessivos (minha alma, meu espírito, me salva, me tratam, em mim...).

O agir salvador de Deus em favor de Israel, seu servo, explicitado no final do hino (‘Socorreu Israel...’ 54a), chega agora até Maria (‘a serva do Senhor’ / ‘à que lhe pertence’) e prolongar-se-á de geração em geração (50a). O Deus que Maria

engrandece não é um outro Deus. É o Deus de Israel que escudou os gemidos de um povo e olhou sua humilhação nas terras do Egito. É este o Deus que agora ‘demora o seu olhar em Maria’ e realiza nela o que só é possível a Deus. Fáz-lo porque é um Deus ‘Poderoso’, numa misericórdia que se ‘estende por gerações e gerações’.

As palavras de Maria não se detêm no louvor individual, elas sentem a necessidade de regressar às origens de um Deus que estivera sempre presente na vida de Israel, como um Deus salvador e Poderoso (ὁ δυνατός), particularmente diante do poder dos poderosos (δυνάστας) deste mundo.

\* O texto evidencia uma simetria entre o *demorar o olhar na humildade da que lhe pertence* (τὴν ταπείνωσιν τῆς δούλης αὐτοῦ v.48) e \* *o levantar os humildes* (ὑψωσε ταπεινούς v.52b), sugerindo que este poder de Deus se realizou e continua a realizar-se de uma forma paradoxal: \* o Deus que olha para a humildade daquela ‘que lhe pertence’ é o Deus que confunde os soberbos na trama dos seus corações. \*É o Deus Poderoso que realiza uma grandeza em Maria, \*e simultaneamente depõe os poderosos dos seus tronos e de despede sem nada os enriquecidos, a fim de que os humildes possam ser levantados e os famintos cheios de bens (51b-53a).

A unidade do hino repousa sobre pilares significativos: os nomes e os atributos de Deus, os campos semânticos sociopolítico e étnico, e as anotações temporais. Os atributos divinos de Poderoso, Santo e Misericordioso acautelam a afirmação de um Deus ativo e operante, que emerge como sujeito de quase todas os verbos e conseqüentemente de toda a ação: demorou o olhar, fez grandeza, confundiu, depôs, baixou, levantou, cobriu, despediu...

É, por isso, difícil silenciar a dimensão de um poder de cariz sociopolítico que atravessa este hino. \*As categorias sociais aparecem numa ordem precisa: poderosos/humildes, famintos/ricos, estabelecendo uma construção quiástica (de tipo AB-B’A’), **que coloca ao centro os humildes e famintos**. Na verdade, estes são aqueles sob quem repousou sempre o olhar de Deus; estas foram, são e serão sempre as inegáveis as periferias do seu poder misericordioso e da sua santidade.

A preposição ‘segundo, conforme’ (καθώς v.55a) sugere que toda a dinâmica do hino tem a sua origem na promessa feita aos pais. Nas duas assonâncias do louvor, o presente de Maria e futuro da comunidade cristã ligam-se ao passado de Israel, que remonta à Aliança estabelecida com Abraão e toda a sua descendência. O Deus de Israel, o ‘Poderoso’ que permaneceu sempre fiel à sua promessa, no passado, continua a intervir no presente de todas as gerações. Só por isso, Maria a partir de agora e por todas as gerações, será chamada feliz (μακαριοῦσί 48b), tal como a proclamara Isabel em 1,45 (μακαρία). Tudo por causa da misericórdia de um Deus que firmara uma Aliança com Israel e que é uma Aliança para sempre (55b). Não, é por isso, uma coincidência que os campos semânticos sociopolítico e étnico se reúnem em Maria: ela própria se define socialmente entre os humildes e uma mulher de Israel, filha de Abraão.

*Entre o Deus que se acredita o Deus que se procura (um Deus poderoso, santo e misericordioso - um Deus dos humildes e dos pobres).*

Nas entrelinhas das primeiras palavras do Magnificat, o hino evidencia os títulos de Senhor e Deus (τὸν Κύριον – Yhwh), e (τῷ Θεῷ), evocando a expressão hebraica que definia o Deus de Israel como Yhwh-Deus (‘adonay ʾĕlōhîm). **Era próprio deste Deus de Israel a bondade e a compaixão, mas também o poder e a força.** A própria forma de plural de ʾĕlōhîm é muito mais que um plural de excelência; ele é a evocação simultânea do **máximo poder e da máxima bondade e compaixão.** É este o Deus que abriu o mar para que Israel pudesse atravessar a pé enxuto, libertando-se das amarras do poder do Faraó.

Nos tempos primeiros, não existia neste nome nada de misterioso ou de transcendência, mas apenas a ideia de um Deus que age na história de um povo, que o deve reconhecer como o seu único Deus e o único salvador; um Deus ‘grande e terrível’, tal como o é o seu nome (cf. Ex 6,6; 15,1.21; 32,11). E, no entanto, é-o sem deixar de ser um Deus clemente e compassivo (Yhwh, Yhwh... Deus de ternura e compaixão... tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune cf. Ex 34,6-7). É este o Deus que Maria evoca como salvador (τῷ σωτηρῷ): aquele onde poder e misericórdia se combinam sem contradição.

Este Deus cujo o nome é santo, é simultaneamente o ‘totalmente outro’, mas também o sumamente próximo. É aquele que ‘(Socorreu Israel, seu servo lembrado da sua misericórdia Lc 1,54), mas também, aquele cujo a força do seu braço possui uma capacidade surpreendente de reverter a ordem natural ou imposta e realizar o que é impossível para o ser humano e só possível a Deus (cf. Lc 1,37).

É neste contexto de um Deus que se acredita como salvador que o hino se alarga aos que são capazes de estremecer (reverência) diante dele (v.50). Estes são os se opõem radicalmente aos que possuem um coração orgulhoso (v.51b), que se fiam em si mesmos, nas suas extraordinárias capacidades, na sua piedade imaculada. O texto não deixa lugar para dúvidas: os dois grupos são inconciliáveis, os poderosos e os ricos / os de condição humilde e carentes de bens.

Não obstante não exista, nas palavras do hino qualquer alusão a outros vínculos que os da fé no Deus das promessas, o menino que Maria dará à luz é a resposta surpreendente do Deus poderoso e misericordioso às aspirações religiosas dos que o temem e às aspirações sociopolíticas dos pobres e mais frágeis. Na verdade, não se diz que Deus que o agir de Deus é vingativo para com os arrogantes e poderosos, mas que o seu poder é de tal modo surpreendentemente salvador e misericordioso, que inclinando-se para aqueles que são mais frágeis, expõe o agir dos poderosos à

sua própria perversidade e fragilidade, oferecendo-lhes a possibilidade de também eles entrarem no âmbito da salvação (v.55).

Na verdade, as palavras do Magnificat não definem Deus. Cantando o Deus Santo, que vê e olhou para a sua serva (v. 48a), como outrora o fizera com o seu Servo Israel (v54a), evoca o Deus, que vem desde essa realidade primeira, a do ‘Deus dos pais’ (ĕlōhîm), o Deus de Israel e das promessas (Gn 17,7; 18,18; 22,17; 2Sm 7,11-16), que em Jesus Cristo alcançarão o seu cumprimento e plenitude. Falam do Deus do Êxodo (Yhwh), o Deus salvador que reparou na aflição de um povo e agiu para o libertar (cf. Ex 3,7-8), revelando a largueza do seu poder e misericórdia.

Profundamente herdeiro do dinamismo da Fé de Israel que o precede, as palavras de Maria, no seu Magnificat, falam de um Deus em que se acredita, mas também de um Deus que será uma procura permanente, porque em Jesus Cristo o Deus poderoso e misericordioso de Israel transpôs as fronteiras da proximidade, tornando-se a própria humanidade.

#### *A dimensão socio-religiosa do louvor da comunidade cristã*

É impossível retomar aqui, ainda que de forma sucinta, toda a história da redação deste hino. A exegese tem debatido até à exaustão as suas origens linguísticas e socio-religiosas, oscilando entre as influências de judeo-cristianismo (Salmo Judaico – Gunkel, Leaney) e de um pagano-cristianismo. Aceita-se que se trata de um hino judeo-cristão, que respeitando a teologia hebraica, celebra um evento salvífico: Jesus Cristo, no qual as escrituras judaicas encontram um cumprimento e uma plenitude, obrigando a prevalecer sob a semântica hebraica a novidade do Evangelho. A relação que se estabelece com o contexto litúrgico das primeiras comunidades é relevante, porém impõe-se a importância do contexto social das primeiras comunidades cristãs que rapidamente se tornaram compostas na sua contextura humana e compreensão teológica, e constituídas por grupos de diversas origens (convertidos do judaísmo oriundos da palestina e da diáspora judaica; e convertidos do paganismo, entre eles muitos escravos).

Se recordarmos que os primeiros discípulos de Jesus eram da Galileia, um lugar empobrecido pelo alheamento dos proprietários (cf. Lc 20,9) e pelas revoltas do séc. I contra a ocupação e contra os impostos; que a pobreza era também real entre os cristãos de Jerusalém (cf. Gl 2,10; 1Cor 16,1-4); que o Evangelho na diáspora atingiu as classes menos privilegiadas, tal como o comprova o facto de muitos dos membros das comunidades paulinas serem escravos convertidos (cf. 1Cor 12,13; Fl; Ef 6,5); então, não é difícil escutar, nas entrelinhas do Magnificat, as dimensões da esperança e da fé que sustinha as primeiras comunidades cristãs. Essa certeza de um Deus que salva; um Deus Poderoso que intervirá em seu favor.

Na obra “The social World of Luke-Acts”, Jerome Neyrey (também editor), fala do universo simbólico de Lc-At como “um virar de pernas para o ar”, citando At 17,6. \* Neste texto, o autor bíblico refere que os judeus de Tessalónica, acusavam todos os que se converteram ao cristianismo como: “Estes que andaram revirando o mundo inteiro. Agora estão também aqui...” Aos seus olhos, os cristãos aparecem como os que reviram (colocam de pernas para o ar) a ordem e a estrutura do mundo. Na verdade, o judaísmo entendeu o próprio Jesus, Estevão, Paulo e outros cristãos como aqueles que subvertiam o mundo judaico, acusando-os de atacar as suas principais instituições: o templo e a Lei (circuncisão).

É natural que perante estas acusações, os cristãos procurassem oferecer uma interpretação diferente da sua atitude face à Fé, ao Templo e à Lei. As palavras do Magnificat parecem constituir, num contexto de celebração litúrgica, este ato interpretativo. O Magnificat nasce, então, primeiramente, como uma expressão cristã de alegria diante da salvação que o Deus de Israel realizara plenamente em Jesus Cristo, ousando proclamar que a riqueza e o poder são valores que não têm consistência aos olhos de Deus e **a salvação é algo que atua no mundo, no seu contacto com o mal e com a prepotência e o orgulho.**

Foram estes cristãos os verdadeiros redatores do Magnificat. Eles realizaram no pleno sentido da expressão uma verdadeira memória crítica e cidadania, obrigando os homens e mulheres do seu tempo a reconverter os valores humanos e religiosos corrompidos. A Fé na pessoa de Jesus Cristo não se desliga da cidade, da polis humana de relação dos seres humanos entre si e com Deus.

E se isto é sinal de um imenso deslumbramento da Fé das primeiras comunidades cristãs, não é de menor importância o facto do autor bíblico ter querido situar esta alegria e esta esperança nas palavras e na realidade de Maria de Nazaré. Na verdade, Ela foi a primeira a acolher e a experimentar na sua própria carne o mundo revirado (‘de pernas para o ar’), nela o céu agora está também na terra; Deus assume-se ser humano para que o ser humano se possa finalmente assumir à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27-8).

Compreender isto leva-nos a dizer com Paulo: é grande este mistério (Ef 5,32); é demasiada ‘a ternura’ com que Deus habita a cidade... precisamos desta memória crítica e desta cidadania profundamente assumida para nos aproximar da gratidão e do assombro expresso no louvor do Magnificat. Aquele que Sofia Melo Breyner descreveu como “talvez o mais belo poema que existe: entre dois mundos, na encruzilhada da história, uma mulher levanta-se e diz o poema da Salvação” (Jornal de Letras, 16/2/1982), que lido com os nossos olhos, talvez lavados pelas lágrimas de quem o encontra, não cessa de nos interpelar, tanto é o que promete, e que vemos que, entre as nossas mãos, teima em não se cumprir. (palavras de João Madureira “Reabilitar a política, na experiência de revisitação do Magnificat”).

ARANDA PÉREZ, G, “El Magnificat, el Evangelio proclamado por María”, *EphMar* 36 (1986) 23-36; APARÍCIO RODRÍGUEZ, A, “El ‘Magnificat’ desde la humillación”, *EphMar* 48 (1998) 335-363; BOFF, MARIA LINA, “A fala de Maria no magnificat aos povos do terceiro milénio: para uma mística evangélica”, *Revista Eclesiástica Brasileira* 60 (2000) 619-640. 859-879; DUPONT, J., “Le Magnificat comme discours sur Dieu », *NRTh* 102 (1980) 321; GERBER, D. – KEITH, P., *Les Hymnes du Nouveau Testament et leurs fonctions* (XXII<sup>e</sup> congrès de l’Association Catholique Française pour l’Étude de la Bible (LD 225) Strasbourg, 2007; HAMEL, E., “Le Magnificat et le renversement des situations. Réflexion théologique-biblique”, *Greg* 60 (1979) 84; MADUREIRA, J., “Reabilita a política na experiência da revisitação do Magnificat”, *Communio* 32 (2015) 347-353; MÁRQUEZ CALLE, M., *la imagen de Dios em el Magnificat*, Madrid 1994; MERINI, A., *Magnificat: in encontro com Maria*, Milano 2002; NEYREY, J.H. (Ed.), *The Social World of Luke-Acts. Models for Interpretation*, Peabody MA 1999; NEVES, JOAQUIM CARREIRA das, “Sociodrama sobre o Magnificat”, *Bíblica* 2 (1994) 157-161; NOLAN, MARY CATHERINE, *The Magnificat, Canticle of a liberated people: A Hermeneutical Study of Luke 1:46-55 Investigating the World Behind the Text by Exegesis; The World in Front of the Text by Interpretive Inquiry*: Doctoral Dissertation, Dayton Ohio : University of Dayton, 1995; VALENTINI, A., *Il Magnificat : genere letterario, struttura, esegesi*, Bologna : EDB, 1987.